

**FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO  
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA E SAÚDE**

**DANIELA DE CAMARGO ALVARO**

**EDUCAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DE  
GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA E PEDAGOGIA**

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

**2018**

DANIELA DE CAMARGO ALVARO

EDUCAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DE  
GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA E PEDAGOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da  
Faculdade de Medicina de São José do Rio  
Preto – FAMERP, como requisito para  
obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2018

## FICHA CATALOGRÁFICA

Alvaro, Daniela de Camargo

**Educação Sexual: perspectivas de estudantes de graduação de Psicologia e Pedagogia**/Daniela de Camargo Alvaro – São José do Rio Preto - SP, 2018

80 folhas

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP.  
Programa de pós-graduação em Psicologia e Saúde.

Área de Concentração: Psicologia e Saúde.

Perspectives of graduate students sexual education.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

1.Educação sexual; 2.Sexualidade; 3.Graduação.

**DANIELA DE CAMARGO ALVARO**  
**EDUCAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE**  
**PSICOLOGIA E PEDAGOGIA**

**BANCA EXAMINADORA**

**DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE**

---

**Presidente e Orientadora:** Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto

**Instituição:** Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP

---

**1ª Examinadora:** Profa. Dra. Milene Soares Agreli

**Instituição:** Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo  
– Campus Ribeirão Preto

---

**2ª Examinador:** Prof. Dr. Nelson Iguimar Valerio

**Instituição:** Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP

**São José do Rio Preto, 28 de Março de 2018**

## SUMÁRIO

Dedicatória.....	iv
Agradecimentos.....	v
Lista de Tabelas.....	vii
Lista de Anexos.....	viii
Lista de Apêndices.....	ix
Resumo.....	x
Abstract.....	xii
Introdução.....	01
Trajetória Histórica da Educação Sexual.....	03
Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).....	10
Papel do Educador.....	14
Objetivo Geral.....	16
Objetivos Específicos.....	16
Método.....	17
Participantes.....	17
Materiais.....	17
Procedimento.....	19
Análise de Dados.....	20
Aspectos Éticos.....	20
Resultados e Discussões.....	21
Conclusão.....	45
Referências.....	47

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu esposo Daniel e à minha filha Olivia.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por sempre iluminar meu caminho, me fortalecendo nos momentos de fraqueza.

A minha orientadora, Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto, por toda paciência, carinho e atenção para me orientar, tornando-se cada vez mais fonte de inspiração e admiração tanto profissional quanto como pessoa.

Aos meus pais que de forma direta e indireta contribuíram para esse trabalho.

Ao meu esposo Daniel por compreender minha ausência em tantos momentos, sempre dando forças e me estimulando a seguir em frente, e por vivenciar comigo uma sexualidade plena.

A minha filha Olivia pelo carinho e amor incondicional, por ser fonte de estímulo e por muitas vezes sentar-se comigo para “estudarmos juntas”.

A Unilago e coordenação dos cursos de Psicologia e Pedagogia por permitir que esse trabalho fosse realizado.

Aos meus alunos que participaram da pesquisa e que todo dia me ensinam algo novo.

A equipe do Laboratório de Psicologia e Saúde e Programa de Mestrado em Psicologia e Saúde, Esmeralda, Nilmara e Camila, pela atenção e paciência.

Aos meus colegas de sala pelo companheirismo, pelas boas risadas, pelas palavras de conforto nos momentos tensos, e por sempre incentivar a luta pelo título de mestre.

Aos professores por compartilhar seus conhecimentos, incentivando a pesquisa e fazendo acreditar que tudo dará certo.

Agradecimentos especiais aos professores que participaram da banca de qualificação como da banca de defesa, como examinadores ou suplentes, Prof. Nelson Iguimar Valerio, Profa. Milene Soares Agrelli, Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Santos Miyazaki, Profa. Dra. Patrícia Santos Teixeira, Profa. Dra. Leda Maria Branco e Profa. Dra. Neide Aparecida Micelli Domingos.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das características sociodemográficas da amostra.....	21
Tabela 2 – Opinião geral acerca da educação sexual.....	23
Tabela 3 – Importância atribuída a tópicos de educação sexual.....	25
Tabela 4 – Educação sexual recebida na escola ou graduação.....	27
Tabela 5 – Opinião sobre como a educação sexual é ensinada nas escolas.....	29
Tabela 6 – Nível de escolaridade que gostaria de ensinar educação sexual.....	32
Tabela 7 – Educação sexual recebida em casa e relacionamento amoroso.....	35
Tabela 8 – Formação na área de educação sexual.....	37
Tabela 9 – Dimensão Avaliativa: escala de atitudes com relação à educação sexual.....	39
Tabela 10 – Dimensão Cognitiva: escala de conhecimentos em relação à educação sexual.....	41
Tabela 11 – Dimensão Emocional: conforto/desconforto para falar sobre temas de educação sexual.....	43
Tabela 12 – Envolvimento futuro em ações de educação sexual.....	44

## LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes de Graduação.....	52
Anexo II – Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores Face à Educação Sexual – QAAPES.....	62

## LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Questionário de Identificação Sociodemográfica.....	67
--	----

Alvaro, D. C. (2018). Educação sexual: perspectivas de estudantes de graduação de Psicologia e Pedagogia (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto/SP.

## RESUMO

Apesar de a sexualidade estar presente em toda dimensão do ser humano, ainda é cercada pelo desconhecimento em diversas áreas, por isso a educação sexual como toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, deve abranger conhecimentos sobre informações básicas, discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual. **Objetivo:** levantar a aquisição do conhecimento e a percepção que alunos de graduação em psicologia e pedagogia têm acerca da sexualidade e educação sexual. **Método:** foram participantes alunos regularmente matriculados em uma faculdade particular, e para a obtenção dos dados foram utilizados o Questionário de Identificação Sociodemográfica, Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes e o Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores face à Educação Sexual – QAAPES. Trata-se de um estudo quantitativo descritivo do tipo exploratório. **Resultados:** Dos 378 participantes, 335 (88,6%) eram do sexo feminino e 43 (11,4%) do sexo masculino, com idades entre 17 e 62 anos. Com relação às atitudes face à educação sexual, 213 participantes concordaram que a educação sexual deve ser disponibilizada nas escolas e ser uma responsabilidade compartilhada com os pais, e 161 (83,5%) responderam que deve iniciar no Ensino Fundamental II. Os tópicos que devem fazer parte do currículo em educação sexual foram IST's/Aids, abuso sexual, contracepção, gênero e diversidade, configurações familiares e reprodução. Com relação ao envolvimento em educação sexual, 39

(16,5%) alunos da Psicologia e 35 (72,9%) da Pedagogia tiveram alguma formação em aula ou estágio. Foi encontrada uma atitude pouco positiva por parte dos alunos em relação à educação sexual, como também conforto para falar de alguns temas. Do total de alunos de ambos os cursos, 172 pretendem desenvolver atividades de educação sexual. **Conclusão:** Todos os alunos trouxeram um modelo de educação sexual baseada na abordagem biológica e higienista, deixando de lado a abordagem emancipatória que trabalha a formação social do indivíduo. É necessário investir em uma formação voltada para educação sexual abrangente em todos os aspectos do ser humano: biológica, psicológica, sociocultural, histórica, ética, considerando as múltiplas formas de prazer e satisfação sexual, que contribua para uma formação de profissionais sensíveis, conscientes e aptos ao trabalho de educação sexual.

**Palavras-chave:** Educação sexual, Sexualidade, Graduação.

Alvaro, D.C. (2018). Sexual education: perspectives of undergraduate students of Psychology and Pedagogy (Master's Dissertation). Faculty of Medicine of São José do Rio Preto/SP.

## ABSTRACT

Although sexuality is present in every dimension of the human being, it is still surrounded by a lack of knowledge in several areas. Therefore, sexual education, like all teaching-learning activities on human sexuality, should include knowledge about basic information, discussions and reflections on values, norms, feelings, emotions and attitudes related to sexual life. **Objective:** to raise the acquisition of knowledge and the perception undergraduate students in psychology and pedagogy have about sexuality and sex education. **Method:** Participants were students enrolled in a private college, and the data were collected using the Sociodemographic Identification Questionnaire, Attitude Questionnaire for Sexual Education in Students and the Questionnaire for Assessment of Teachers' Attitudes towards Sexual Education - QAAPES. This is a descriptive quantitative study of the exploratory type. **Results:** Of the 378 participants, 335 (88.6%) were female and 43 (11.4%) were males, aged between 17 and 62 years. With regard to attitudes towards sex education, 213 participants agreed that sex education should be made available in schools and be a shared responsibility with parents, and 161 (83.5%) responded that they should start teaching Fundamental II. The topics that should be part of the sexual education curriculum were STD / AIDS, sexual abuse, contraception, gender and diversity, family settings and reproduction. Regarding the involvement in sexual education, 39 (16.5%) Psychology students and 35 (72.9%) Pedagogy had some training in class or stage. There was a lack of positive attitude

on the part of the students regarding sex education, as well as comfort to talk about some subjects. Of the total number of students in both courses, 172 intend to develop sex education activities. **Conclusion:** All students brought a model of sexual education based on the biological and hygienist approach, leaving aside the emancipatory approach that works the social formation of the individual. It is necessary to invest in training aimed at comprehensive sexual education in all aspects of the human being: biological, psychological, sociocultural, historical, ethical, considering the multiple forms of pleasure and sexual satisfaction, which contributes to the formation of sensitive, and able to work in sex education.

**Keywords:** Sexual education, Sexuality, Graduation

## INTRODUÇÃO

O ser humano caracteriza-se por ser relacional, constrói e é construído pelo movimento da vida. As pessoas se relacionam integralmente umas com as outras expressando sua história e cultura em permanente transformação e reprodução, e a sexualidade está sempre presente como dimensão inseparável do existir (Melo & Kornatzki, 2013).

A sexualidade faz parte de todos e a sua expressão se dá de diversas formas, dependendo da cultura e do momento histórico. Inclui dimensões biológicas, psicológicas e sociais, e se expressa em cada um de modo particular em sua subjetividade, e no coletivo/social é aprendida e apreendida durante a socialização (Maia & Ribeiro, 2011).

Trata-se de um conceito amplo e abrangente, que se refere às manifestações de sentimentos, desejos, atitudes e percepções relacionadas à vida sexual e afetiva, incluindo comunicação e vínculo entre as pessoas e compreensão de experiências vividas, que se constroem num processo contínuo por toda a vida, por meio de um aprendizado constante permeado por concepções sociais, culturais e históricas (Pastana & Maia, 2013).

Segundo Melo e Kornatzki (2013), por meio dessas relações, os seres se educam entre si produzindo conceitos, modos de ser e existir, podendo provocar dominação de uns sobre os outros, mediante a repressão. Ou levar à emancipação, entendendo assim, cada ser como sujeito sexuado e a educação como processo permanente nas relações humanas.

Figueiró (2006) considera educação sexual (ES) como toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, que abrange conhecimentos sobre



informações básicas, discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.

Por outro lado, considera o professor como um agente que cria condições para o aluno aprender auxiliando em sua aprendizagem, reconhecendo que o termo educação sexual está em consonância com as estratégias consideradas fundamentais no processo, como debate aberto, discussões e educação por meio de participação em lutas sociais (Figueiró, 2010).

Dessa forma, a educação sexual é compreendida como parte de um processo de educação que ocorre de modo amplo, podendo ser informal, não intencional, englobando toda ação sobre o indivíduo, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual, ou formal, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola (Figueiró, 2006).

Este deveria oferecer não apenas as informações científicas sobre sexualidade, mas proporcionar também espaços de discussão e reflexão que podem auxiliar nos questionamentos de mitos, tabus e preconceitos, na tentativa de ajudar a escola a superar obstáculos que se interpõem entre ela e a aprendizagem dos alunos (Maia et al., 2012).

O primeiro processo de educação sexual acontece na família, desde a infância, com o nascimento de um bebê, identifica-se se é menino ou menina, para se iniciarem as exigências que a sociedade impõe diante de uma série de normas, regras e preferências, diferenciando o que se espera de um ou de outro. Assim, as primeiras cenas da história psicosssexual de cada ser humano são construídas na infância e o acompanharão por toda sua existência (Tessarioli, 2013).

Já o segundo processo de educação sexual deve ocorrer na escola, que tem um papel importante na continuidade dessa educação iniciada pela família. Lugar de

socialização de crianças e adolescentes, a escola tem o dever de educar de forma integral englobando todos os aspectos envolvidos no desenvolvimento dos indivíduos, incluindo a sexualidade, e tem sido uma das instituições privilegiadas para realizar a educação sexual (Tessarioli, 2013).

Assim, a educação sexual é uma posição do saber contemporâneo que investe no acolhimento e reflexão dos aspectos que envolvem as vivências e as relações humanas de alunos, pais e profissionais da educação e da saúde, que desperta curiosidade e demanda não só dos alunos, mas de todo ser sexuado, pois corresponde ao modo pelo qual o sujeito se constitui, tornando real sua existência (Zerbinati & Bruns, 2017).

Neste sentido, este estudo visa refletir sobre o diálogo da sexualidade com a educação, a partir do olhar dos alunos acerca da sexualidade e educação sexual, que vai ao encontro de uma prática da psicologia da educação comprometida com o processo de humanização.

### **Trajetória Histórica da Educação Sexual**

Dentro da história da humanidade, a sexualidade é marcada por intensas mudanças influenciadas pelas percepções e pensamentos que norteiam diferentes concepções que vão surgindo a partir dos diversos contextos culturais, econômicos, políticos e religiosos (Duarte & Christiano, s.d.).

Para Ribeiro (2009), é possível estabelecer um período cronológico que começa na Antiguidade e vai até o século XVIII, onde a arte e a literatura sempre trataram das práticas sexuais por meio de esculturas, quadros, poesia, peças de teatro, romances, obras filosóficas e literatura de aconselhamento sexual.

No entanto, não havia um campo teórico específico que estudasse a sexualidade, pois nem a palavra sexualidade existia, a palavra sexo sim, e falava-se sobre sexo e práticas sexuais. E foi a partir da Idade Média, principalmente depois do século XV, que a Igreja Católica passou a se preocupar com as práticas sexuais enquanto ato que poderia ser permitido ou proibido, em função dos dogmas religiosos. E a medicina que se fundamentava em Hipócrates, Aristóteles e Galeno, associava o sexo à saúde e se voltava para entender a concepção e a gravidez (Ribeiro, 2009).

Ao mesmo tempo, antropólogos dedicaram-se à compreensão das atitudes e comportamentos sexuais de vários povos indígenas, a psicanálise propunha uma nova visão do desenvolvimento sexual e a sociologia se voltava para o estudo do casamento e parentesco. Ou seja, a temática da sexualidade e da educação sexual encontrava espaço para discussão e pesquisa nas ciências humanas e médicas (Ribeiro, 2009).

Segundo Ribeiro (2004), desde a colônia do século XVI, o comportamento sexual era bastante lascivo, referindo-se ao comportamento do brasileiro do sexo masculino, que nos primeiros anos da colonização, unia-se às índias e tinha com elas muitos filhos. Eram também incentivados a se relacionarem sexualmente com as escravas e as mulatas, “mostrando ao pai que era macho”.

Já a mulher branca, primeiro era dominada e submetida ao pai e depois ao marido, casando-se aos 15 ou 16 anos, frequentemente com homem muito mais velhos que ela. Nesse mesmo período, a igreja católica representada pelos jesuítas, apontava a vida licenciosa e condenava as práticas sexuais correntes.

Esse foi o primeiro momento da educação sexual no Brasil, representado pelo sexo pluriétnico libidinoso para o homem, submissão e repressão do comportamento

sexual da mulher e normas, regras e condenações por parte da igreja (Ribeiro, 2004). Esses padrões de comportamentos sexuais passaram inalterados pelos séculos XVII e XVIII, exceto pela participação da mulher negra em substituição às índias, devido à vinda cada vez mais numerosa de escravos da África.

Para Foucault (1988), até o começo do século XVII, não havia maiores restrições ao assunto, entretanto, essa época marcou o início da era da repressão, coincidente com o nascimento do modo de produção capitalista. A revolução industrial passaria a exigir que a energia não fosse dissipada com prazeres, salvo aqueles necessários à reprodução e, para isso, a mensagem instaurada foi a de que o prazer sexual era fonte de males físicos e causador de perturbações mentais.

Já, no século XIX, mudam-se os costumes, permanece o sentimento patriarcal, porém o discurso religioso é substituído por um discurso médico, e a sexualidade vai ser tratada como um caso de higiene e saúde, onde o comportamento sexual indisciplinado e desregrado não é mais repreendido por ser pecado, mas pelos riscos de se contraírem doenças orgânicas ou mentais (Ribeiro, 2004).

Então surge o segundo momento da educação sexual no Brasil, com o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas sob a normatização da moral médica (Ribeiro, 2004). Para o autor, essa medicina higiênica brasileira caracterizava a prática sexual como a responsável pelas doenças, via a masturbação infantil como prejudicial, e intervinha na educação escolar, defendendo o colégio interno como a instituição onde a infância e a juventude ficaria a salvo de qualquer influência que pudesse causar algum prejuízo.

Do século XIX às primeiras décadas do século XX, surge a sexologia devido à relação da medicina com a sexualidade estar se tornando cada vez mais intensa,

enquanto campo do saber médico e com publicações, a partir de 1920/40, de livros de educação e orientação sexual (Ribeiro, 2004).

Dessa forma, a história da educação sexual no Brasil, aponta para a existência de trabalhos desse gênero a partir do começo do século XX, período em que podem ser encontrados registros de manifestações que apontam diretamente para a necessidade de programas de educação sexual (Figueiró, 2010).

Surgem assim, estudiosos que defendiam a necessidade de educação sexual para crianças e jovens, como também, uma vasta quantidade de obras sobre educação sexual, sendo a maioria escrita por médicos, e algumas por padres e educadores. Várias dessas obras davam importância à patologia sexual e aos males físicos e psíquicos que uma prática sexual desregrada poderia causar.

Já outras viam a sexualidade não de forma negativa ou associada às crenças, mas propunham condutas que consideravam mais adequadas para a saúde do indivíduo (Ribeiro, 2009). Segundo o autor:

A educação sexual proposta nesse período visava esclarecer o indivíduo sobre a função da sexualidade, os mecanismos reprodutivos e o processo evolutivo, proporcionando-lhe o desenvolvimento saudável de suas funções mentais e físicas, o que culminava na existência de uma família igualmente saudável e de um povo sem os males que o higienismo queria erradicar (p.134-135).

Esse é considerado o terceiro momento da educação sexual no Brasil, que vai até o final da década de 1950, com a veiculação da importância e necessidade da educação sexual por meio de livros publicados por médicos, professores e sacerdotes, visando orientar a prática sexual dos indivíduos, todos cientificamente fundamentados (Ribeiro, 2004).

A partir do final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, estudos sobre a sexualidade foram institucionalizados e caracterizados como saber científico. Médicos elaboraram, desenvolveram e se apropriaram de teorias e ideias que foram

consideradas científicas, capazes de oferecer a sustentação que necessitavam para seu discurso sexual normatizador. Quando as vertentes das Ciências Humanas passaram a considerar o estudo de atitudes e comportamentos sexuais merecedores de reflexões e proposição de teorias, isso levou ao surgimento de várias obras sobre comportamento sexual e educação sexual (Ribeiro, 2009).

A partir da década de 1960, escolas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte inseriram efetivamente a educação sexual no currículo, sendo denominada orientação sexual, para distinguir da educação proposta e defendida nas décadas anteriores, considerando a orientação sexual como uma ação educativa que pode ocorrer na escola a partir de um trabalho sistematizado e organizado; com a participação de professores e profissionais treinados para uma prática educativa intencional, sistematizada e planejada relativa à aquisição do conhecimento sexual e à formação da vida sexual do indivíduo.

Assim, o quarto momento da educação sexual no Brasil aparece com a implantação de programas de orientação sexual em várias escolas, sendo o período bastante favorável a esta ação educacional.

Em 1968, foi apresentado um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual nas escolas do país. Este foi recusado e arquivado pela Comissão de Moral e Civismo devido ao regime militar imposto pelo Golpe do Estado de 1964, que reprimia não só as manifestações políticas, mas as liberdades individuais, as manifestações de sexualidade e as implicações nos padrões de comportamento delas decorrentes (Ribeiro, 2004).

Somente em 1978, o espaço para a educação sexual no Brasil é reconquistado, e acontece em São Paulo o I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas, seguido de vários outros eventos científicos.

Também se inicia um projeto em escolas da rede municipal, assumidos pela Prefeitura de São Paulo e posteriormente pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que foi desenvolvido de 1978 a 1982, com caráter preventivo visando o ajustamento sexual do aluno (Figueiró, 2010).

Este período é considerado como o quinto momento da educação sexual no Brasil, onde órgãos públicos assumem projetos de orientação sexual nas escolas. A partir desse momento, vários projetos e programas de saúde de educação sexual são implantados no Estado de São Paulo, utilizando o espaço das disciplinas de ciências e programas de saúde, tratando de assuntos voltados a aspectos do crescimento e desenvolvimento humano, reflexões sobre valores, vida sexual com prazer, amor e responsabilidade, puberdade, corpo, comportamento sexual, namoro, drogas, liberdade, discriminação, preconceito, aborto, adolescência, contracepção, DST/Aids, cidadania, família, todos planejados de acordo com a faixa etária e escolaridade.

Assim, em 1996, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) “Darcy Ribeiro” e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), como linhas a serem seguidas para se concretizar a meta da educação para o exercício da cidadania, a educação sexual teve reconhecimento oficial de sua necessidade e importância enquanto ação educativa escolar (Ribeiro, 2004).

O sexto momento da educação sexual no Brasil, foi então o período iniciado com a nova LDB e a inclusão oficial da temática sexualidade no currículo escolar, que parece:

“prometer um tratamento responsável e crítico, preocupado com a dignidade da pessoa humana, voltado para atender à necessidade de os alunos viverem plenamente sua sexualidade” (Ribeiro, 2004, p. 24).

Segundo o mesmo autor, é a partir dessa iniciativa oficial, que portas se abriram para que escolas, instituições, educadores e outros profissionais, pudessem

realizar trabalhos de educação sexual, contando com o apoio e acompanhamento de órgãos governamentais.

Porém, mesmo que o advento das leis tenha sido considerado um avanço, nada foi feito no sentido de formar professores capazes de trabalhar questões de sexo e sexualidade nas escolas. O campo da sexualidade e da educação sexual possui muitas obras e pesquisadores desenvolvendo importantes trabalhos nas universidades brasileiras, entretanto ações efetivas de educação continuada e de formação de professores que tragam a sexualidade para o debate são escassas, tornando necessário inserir disciplinas de sexualidade no currículo dos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas, pois as temáticas que são prioridades em projetos oficiais, serão com muito mais facilidade, assimilados, compreendidos e multiplicados, se os professores tiverem a oportunidade de debater, discutir e refletir a educação sexual em sua formação (Ribeiro, 2009).

Por ser a sexualidade uma dimensão humana que vai além da determinação biológica, as informações sobre ela trabalhadas na escola, precisam envolver reflexão individual e coletiva, permitindo que o aluno se reconheça como sujeito da sua sexualidade, sendo capaz de construir relações mais saudáveis e positivas, identificando possibilidades de interferir no curso de sua vida e da coletividade (Figueiró, 2014).

Assim, com o entendimento da dimensão histórica da sexualidade e da educação sexual, é possível desmistificar conceitos que se naturalizam com o tempo, repensando a dimensão do ser humano e de sua sexualidade, que se encontra em constante transformação, propondo estudos que a compreenda de modo integral no âmbito escolar (Santos, 2013; Souza, Santos, Silva, 2015).



## **Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) colocam a sexualidade e a orientação sexual como tema transversal para discussão nas instituições de ensino em um processo de intervenção pedagógica. É um documento que legitima o professor a trabalhar o tema sexualidade em sala de aula em seus diversos aspectos: social, psíquico e biológico, com o objetivo de fornecer uma visão pluralista da sexualidade, bem como prevenir a ocorrência de gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e abuso sexual (Brasil, 1997).

Propõem que a escola trate a sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, marcada pela história, cultura e evolução social. Assim, o trabalho com foco na sexualidade deve segundo essas diretrizes, considerar as emoções e noções sobre sexualidade trazidas pelo aluno, oriundas da família e de suas vivências, possibilitando debates e reflexões que assegurem a construção da autonomia dos sujeitos ao exercício de sua própria sexualidade, sem concorrer com o aprendido na família nem com seus valores, mas complementá-los (Moura et al., 2011).

Assim, ao tratar do tema orientação sexual, se considera a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano, englobando o papel social de ser homem e ser mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, entre outros problemas atuais e preocupantes (Brasil, 1997).

Para Figueiró (2006) é necessário a diferenciação dos termos orientação sexual utilizado nos PCN, de educação sexual, expressão utilizada pela mesma autora, a qual orientação sexual diz respeito a direção do desejo sexual do indivíduo, que pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual, considerando assim,

educação sexual mais apropriado por ser coerente com a concepção do método de educação, com o educando participativo do processo de ensino aprendizagem como ativo e não como mero receptor de conhecimentos, informações e ou orientações.

A partir da década de 1970, se intensificou a discussão da inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo grau por se considerar importante a formação global do indivíduo. Em meados dos anos 1980, aumentou a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas devido ao aumento das gravidezes e o risco de contaminação pelo HIV entre os adolescentes (Brasil, 1997).

Mas foi na década de 1990, que o governo brasileiro apresentou prerrogativas que incentivaram o ensino da sexualidade como um tema transversal entre outras disciplinas acadêmicas a partir dos PCN, propostos pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC) (Maia et al., 2006).

Dessa forma, procura possibilitar ao educador desenvolver a transversalidade da sua disciplina a partir do tema sexualidade, para abordar de diversas maneiras os conteúdos dos currículos, trabalhando de forma planejada e clara, para promover o conhecimento e a participação dos alunos (Tessarioli, 2013).

Essa é a dificuldade apresentada pelos profissionais hoje, que sentem-se inseguros para abordar a temática da educação sexual na escola. Assim, como inserir a temática da sexualidade na disciplina sem um preparo adequado, pois na maioria dos currículos de ensino superior, não existe disciplina específica destinada ao estudo da sexualidade.

Segundo Figueiró (2006), mesmo com a proposta de transversalidade dos PCN, a sexualidade ainda é caracterizada por obstáculos que sempre permearam

ao longo da história, e sua prática não é considerada uma questão prioritária na educação escolar, e quando ocorre é por iniciativa isolada de alguns professores.

Nessa perspectiva, para se adequar a abordagem de uma educação sexual, como proposta pelos PCN mudanças são necessárias na formação dos profissionais da educação, visto que estes se encontram despreparados para tal assunto. Assim, uma formação voltada para o sentido amplo da sexualidade, abrange todas as questões e ultrapassa as influências do contexto cultural e biológico (Silva & Santos, 2011).

Os educadores devem ter a consciência que esse trabalho não se restringe ao aparelho reprodutor masculino e feminino, às DST's e à gravidez na adolescência, pois focar apenas o biológico é excluir a ampla dimensão da sexualidade, o que levará o profissional a não dar conta da ansiedade, curiosidade e interesse das crianças e adolescentes (Tessarioli, 2013).

É necessário um preparo para desenvolver esse trabalho. Isso requer formação específica a partir da construção de uma postura profissional e consciente, que permita tratar do tema e auxilie na criação de condições favoráveis para o esclarecimento, para a informação e para o debate, sem impor seus próprios valores:

Essa formação se dará de forma continuada, pois a abordagem dos temas que envolvem a sexualidade é complexa e se apresenta de maneira diversificada, tais como: tabus, mitos, crenças, atitudes, preconceitos, identidade de gênero, homossexualidade, virgindade, gravidez acidental entre outros (Tessarioli, 2013, p. 148).

Todo esse trabalho deve ser contínuo dentro do ambiente escolar para ser realmente eficaz, pois o que é realizado esporadicamente podem não proporcionar mudanças de comportamento, e a importância da educação sexual está na assimilação de uma sexualidade responsável, onde a responsabilidade é ser capaz de arcar e lidar com as consequências do que faz (Tessarioli, 2013).

Segundo os PCN (Brasil, 1997), um bom trabalho de “orientação sexual” deve se nortear pelas questões que pertencem à ordem do que pode ser apreendido socialmente e prazerosamente, assim buscou-se selecionar os conteúdos segundo os critérios relevância sociocultural, dimensões biológica, e possibilidade de conceber de uma forma saudável, prazerosa e responsável a sexualidade. A partir desses critérios, os conteúdos foram organizados em três blocos: corpo: matriz da sexualidade; relações de gênero, e prevenção às ISTs/Aids, que busca abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento.

De acordo com Silva (2015) e Saviani (2013), a pedagogia histórico-crítica entende a prática educativa como uma atividade mediadora no interior da prática social, assim sendo, a primeira condição para se atuar de forma consistente no campo da educação é conhecer, da maneira mais precisa possível, o modo como se encontra estruturada a sociedade na qual se desenvolve a prática educativa, e a função da escola é socializar o conhecimento artístico, científico e filosófico mais desenvolvido produzido pela humanidade, o que remete às discussões acerca da neutralidade e da objetividade do conhecimento.

Para Silva (2015) quem pretende trabalhar segundo os pressupostos dessa teoria pedagógica deve se perguntar se o tratamento da sexualidade é inerente à função da escola e como o tema pode ser abordado.

Uma alternativa para a proposta da sexualidade na escola, de acordo com os pressupostos da pedagogia histórico-crítica, é a discussão do tema a partir da leitura dos clássicos universais, que apresentam relações afetivas, sexuais, de gênero etc., sob a perspectiva do momento histórico em que foram escritos, colocando em evidência o caráter histórico e social da sexualidade humana, não diferindo da proposta da transversalização do tema (Silva, 2015).

De qualquer forma, a educação sexual nas escolas, deve fundamentar-se em uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e valores associados. É preciso considerar cada indivíduo como único em sua singularidade e inserção cultural, a partir da ideia de que não há uma verdade absoluta sobre as concepções, atitudes e práticas de como viver a sexualidade (Maia & Ribeiro, 2011).

O profissional deve estar engajado com a construção de um projeto educacional onde haja socialização do saber e da construção do pensamento crítico, de maneira que seja possível transformar o imediato em mediato, aprender a realidade em suas múltiplas determinações, e entender a sociedade como um movimento de vir a ser (Maia et al., 2012).

### **Papel do Educador**

O preparo do educador é fundamental, e o professor precisa receber formação para atuar em processos de educação sexual, seja em sua graduação ou em projetos de educação continuada, para que possa compreender a manifestação da sexualidade de seus alunos e educá-los de forma efetiva (Maia & Ribeiro, 2011).

Conforme proposto pelos PCN, o tema transversal contraria a ideia de que o melhor professor para lidar com o tema da sexualidade seja o de biologia. Assim, é preferível para exercer essa atividade uma pessoa que tenha uma visão ampla do tema, pois se o sexo é biológico a sexualidade é cultural.

Segundo Leão e Ribeiro (2011), os PCN destacam a relevância da abordagem deste assunto e como inseri-lo na sala de aula, o que indica a necessidade do preparo e formação do profissional que irá fazê-lo, especificamente do professor, já que sugerem a transversalidade disciplinar como meio de se

trabalhar a educação sexual escolar. Porém este tema, por um lado, desencadeia temores e incertezas, e por outro, os professores não têm nos cursos de graduação em Pedagogia ou nas Licenciaturas a formação necessária para o trabalho na sala de aula.

De acordo com Vieira e Matsukura (2017), os modelos de educação sexual podem variar em relação às concepções dos que praticam e promovem tais práticas, e esses modelos sustentam as perspectivas teóricas e subjetivas que oferecem embasamento para o desenvolvimento das práticas vinculadas à educação sexual, dessa forma, os modelos podem se diferenciar nos valores, compreensões e concepções acerca da sexualidade, bem como nas temáticas a serem trabalhadas.

Os mesmos autores ressaltam:

a apreensão das concepções e valores dos professores, bem como demais aspectos relativos à educação sexual, pode favorecer a identificação de potencialidades e fragilidades nas práticas desenvolvidas. Desse modo, considera-se que o descortinamento de tais questões pode favorecer a identificação de limites e necessidades que apontem caminhos para que o que está previsto nas políticas públicas seja efetivado na realidade das práticas (p. 458).

A partir dessa perspectiva, do mesmo modo que a sexualidade não pode permanecer como assunto restrito das ciências biológicas, onde se valoriza os aspectos físicos e hábitos saudáveis, não se pode tratá-la ao nível do senso comum, expondo concepções superficiais e pessoais como verdadeiras e acabadas.

Assim, a escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde e para a vida entre crianças e adolescentes, pois por meio da discussão da temática sexualidade e de seus desdobramentos, é possível motivar reflexões individuais e coletivas que irão contribuir para minimizar ações preconceituosas e discriminatórias (Quirino & Rocha, 2012).

Para Vieira e Matsukura (2017), a apreensão das concepções e valores dos professores, bem como outros aspectos relativos à educação sexual, pode levar a

identificação de potencialidades e fragilidades nas práticas desenvolvidas. Revelar tais questões pode favorecer a identificação de limites e necessidades, apontando caminhos para efetivar na prática o que está previsto nas políticas públicas para educação.

Por isso, o papel do educador preconiza uma formação continuada, focada em situações reais vivenciadas em sala de aula, onde os profissionais devem estar envolvidos no processo de formação, para ajudar seus alunos a buscarem soluções para seus problemas, com propostas ou ações pensadas e planejadas, aprimorando sua prática pedagógica, de forma que contribua para o seu desenvolvimento, crie e construa conhecimentos, estabeleça relações com os alunos com a abordagem dos mais diversos assuntos, incluindo a educação sexual (Freitas et al, 2017).

Para Figueiró (2014) esse processo de construção do conhecimento, do saber e do saber-fazer auxilia na compreensão da complexidade do papel do professor, tanto no que diz respeito ao trabalho e a sua formação quanto no que diz respeito à sua vida.

A partir dessas considerações foi elaborado o objetivo deste estudo.

## **OBJETIVO GERAL**

Levantar o conhecimento e a percepção que alunos de graduação em Psicologia e Pedagogia têm acerca da sexualidade e educação sexual.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Caracterizar a amostra;
- Caracterizar a educação sexual recebida na escola e com os pais;
- Perceber quais atitudes os alunos têm face à educação sexual;

- Identificar a importância que atribuem a diferentes tópicos de educação sexual;
- Identificar o conhecimento, conforto e disponibilidade para falar sobre educação sexual.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Foi desenvolvido um estudo descritivo do tipo exploratório, com uma abordagem quantitativa, onde foram abordados três temas: as representações quanto à sexualidade, formação dos profissionais e responsáveis e preparação dos futuros docentes.

Foram participantes alunos matriculados no curso de Psicologia, do 1º ao 10º período, e alunos no curso de Pedagogia do 1º ao 7º, todos do período noturno, da faculdade União das Faculdades dos Grandes Lagos – Unilago, São José do Rio Preto (SP). A escolha dessas turmas se deve ao fato de estarem iniciando ou em processo avançado de estágios nas áreas de desenvolvimento infantil, adolescência, necessidades especiais, área da saúde, saúde mental e organizacional, em contato com a temática da sexualidade.

Os critérios de inclusão foram estar regularmente matriculados nos referidos cursos e estarem cursando o período noturno.

E como critérios de exclusão, foram os alunos que não estavam regularmente matriculados e que não estavam presentes no dia da coleta da pesquisa.

### **Materiais**

Os instrumentos utilizados compuseram:



- **Questionário de Identificação Sociodemográfica** (Apêndice A), desenvolvido pela própria pesquisadora, com os seguintes itens: sexo, idade, curso, período/semestre, estado civil, filhos, profissão e religião.
- **Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes** (Anexo I), resultante de uma adaptação do original desenvolvido por Leitão e Alvarez (2013), da Universidade de Lisboa (Portugal), cuja adaptação e utilização foram previamente autorizadas pelas autoras; composto por seis blocos de perguntas, com um total de 21 questões fechadas, respondidas com escala do tipo Likert e uma questão de resposta aberta, com todas as questões agrupadas em categorias divididas em Parte A, Parte B, Parte C, Parte D, Parte E, Parte F (Alvarez & Pinto, 2012). A Parte A é composta por cinco perguntas fechadas, que remetem a opinião geral que o participante tem da educação sexual; a Parte B remete a importância atribuída à abordagem de um conjunto de doze tópicos no âmbito da educação sexual; a Parte C refere-se exclusivamente ao contexto escolar e foi composto por duas questões de respostas fechadas e uma de resposta aberta; a parte D diz respeito à forma como a educação sexual foi ensinada pelo (a) professor (a), sendo composto por quatro questões de respostas fechadas; a Parte E considera a opinião do aluno acerca do nível de escolaridade que lhe parece mais indicado para abordar cada um dos 29 temas propostos; a Parte F remete a educação sexual recebida em casa e à vivência de uma relação de namoro, composto por oito perguntas de respostas fechadas.
- **Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores face à Educação Sexual – QAAPES** (Anexo II), autorizado pelos autores Reis e

Vilar (2002), foi utilizado considerando que os alunos de graduação possam vir a se tornar profissionais na área de educação sexual; consta de escalas que incluem três dimensões: avaliativa, cognitiva e emocional. É composto por onze questões fechadas, nas questões um a seis se questiona se o aluno já teve algum tipo de formação em educação sexual, se já promoveu ou participou de alguma ação de educação sexual; a questão sete aborda a educação sexual nas escolas, sendo cinco itens positivos e cinco negativos; a questão oito aborda sobre conhecimentos em relação à educação sexual com 15 itens e possibilidades de respostas em verdadeiro ou falso; a questão nove consta de 29 itens e solicita que assinale como se sente para abordar temas de educação sexual na escola; a questão dez questiona o conhecimento sobre alguns setores das escolas e o quanto estão disponíveis para se envolverem em questões de educação sexual; e por último, a questão onze questiona qual será o envolvimento futuro em ações de educação sexual.

## **Procedimento**

A pesquisadora apresentou o estudo e solicitou a participação voluntária dos alunos. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada aluno e discutidas as questões do anonimato e a possibilidade de não participarem da pesquisa a qualquer momento do preenchimento dos questionários. Foi disponibilizado endereço de e-mail e número de celular da própria pesquisadora e e-mail e telefone do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP), para retirada de eventuais dúvidas.

Após todas as dúvidas sanadas, foi entregue o material aos alunos que concordaram em participar, e estes solicitados a responder individualmente.

Os dados foram coletados pela própria pesquisadora, que permaneceu nas salas de aula durante todo o tempo em que os alunos levaram para responder os questionários, em média 30 a 40 minutos. As coletas dos dados foram realizadas nos meses de fevereiro a junho de 2017.

Os riscos que a pesquisa ofereceu, foi de algum participante se incomodar com alguma questão, seja devido à educação, religião, entre outras, ou sentir-se ofendido.

Como benefícios, a pesquisa será útil para adequação de uma proposta de ensino voltada para o sentido amplo da sexualidade.

## **ANÁLISE DE DADOS**

Os dados obtidos pelos questionários foram avaliados quantitativamente por meio de análise descritiva através do programa estatístico *Statistical Package For Social Sciences* (IBM SPSS Statistics 20).

## **ASPECTOS ÉTICOS**

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto – FAMERP, sob o parecer número 1.892.006 no dia 17 de Janeiro de 2017.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra do estudo foi composta por 378 alunos, sendo 241 (63,8%) matriculados no curso de Psicologia e 137 (36,2%) matriculados no curso de Pedagogia, cujas características sociodemográficas são apresentadas na Tabela 1.

**Tabela 1**

Distribuição das características sociodemográficas da amostra (N=378)

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
<b>Sexo feminino</b>	199	82,6	136	99,3
<b>Sexo masculino</b>	42	17,4	1	0,7
<b>Estado civil</b>				
Solteiro	184	76,3	99	72,3
Casado	32	13,3	29	21,2
União estável	16	6,6	6	4,4
Separado	9	3,7	3	2,2
<b>Filhos</b>				
Sim	39	16,2	27	19,7
Não	202	83,8	110	80,3
<b>Profissão</b>				
Ciências Humanas	60	24,9	88	64,2
Ciências Exatas	69	28,6	13	9,5
Estudante/Estagiário	86	35,7	12	16,8
<b>Religião</b>				
Católica	103	42,7	67	48,9
Evangélica	41	17,0	41	29,9
Espirita	31	12,9	3	2,2
Cristã Protestante	16	6,6	7	5,1
Sem religião	41	17,0	15	10,9

Observou-se predominância de indivíduos do sexo feminino (82,6% da Psicologia e 99,3% da Pedagogia), tal como a distribuição do gênero em ambas as profissões. Em termos etários, a idade variou entre 17 e 62 anos. Responderam estarem solteiros 76,3% da Psicologia e 72,3% da Pedagogia; a maioria dos alunos de ambos os cursos não têm filhos; da Psicologia 35,7% são estudantes ou estagiários e da Pedagogia 64,2% trabalham na área de Ciências Humanas; com relação à religião a maior parte respondeu ser católica.

Com relação aos dados referentes ao Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes de Graduação (Anexo I), foram encontrados os seguintes resultados na Tabela 2, em que grande parte dos participantes concordou que a educação sexual deve ser disponibilizada nas escolas, ser uma responsabilidade partilhada com os pais e deve iniciar-se até o Ensino Fundamental II (do 5º ao 9º ano), conforme o estudo de Alvarez e Pinto (2012), realizado com professores, o qual encontrou em seus resultados que 89% concordam que a educação sexual deve ser dada nas escolas, 94% ser uma responsabilidade partilhada pelos pais e 73% devem iniciar até ao 5º ano.

Quanto à qualidade da educação que receberam na escola 43,1% dos alunos da Psicologia e 38% da Pedagogia, concordou que foi razoável, não atendendo aos tópicos de interesse de educação sexual, percentual também semelhante ao estudo de Alvarez e Pinto (2012), que 32,6% dos professores consideraram a qualidade da educação sexual de crianças e jovens na escola em que leciona como razoável.

Com relação à questão sobre se a educação sexual recebida na escola atendeu aos tópicos que mais interessavam 27,8% dos alunos da Psicologia responderam discordar, e 26,3% da Pedagogia não recebeu qualquer educação sexual na escola, isso pode estar relacionado com a concepção de sexualidade

reduzida à compreensão biológica apenas, que cria uma relação de sinônimo entre sexualidade e sexo, para ser discutida nas aulas de ciências apenas para informar sobre as IST's/Aids, sistema reprodutor e contracepção (Aquino & Martelli, 2012).

**Tabela 2**

Opinião geral acerca da educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
A1. A opinião geral deve ser disponibilizada nas escolas	144 Concordaram muito	59,8	69 Concordaram	50,4
A2. Pais e escola devem partilhar a responsabilidade pela ES	145 Concordaram muito	60,2	68 Concordaram	49,6
A3. Em que ano considera que deve iniciar a ES	108 Ensino Fundamental II	44,8	53 Ensino Fundamental II	38,7
A4. Qualidade da ES que recebeu na escola	103 Razoável	43,1	52 Razoável	38,0
A5. A ES recebida na escola atendeu aos tópicos	67 Discordam	27,8	36 Não recebeu ES	26,3

Na Tabela 3 é apresentado um conjunto de tópicos de educação sexual que podem ser abordados na escola, com as respostas e porcentagens que os participantes deram maior importância em ordem decrescente. E foram organizados de acordo com os blocos de conteúdos apresentados pelos PCN (1997) para educação sexual, permitindo destacar os relativos à saúde sexual (IST's/Aids, contracepção, abuso sexual), relações de gênero (gênero e diversidade, vários tipos de família) e corpo: matriz da identidade (reprodução, puberdade, prazer).

Os alunos da Psicologia e da Pedagogia elegeram o tópico IST's/Aids como mais importante para discussão (90,4% e 82,2%), seguido de abuso sexual e

prevenção de aproximações abusivas (80,5% e 81,8%), contracepção e práticas sexuais seguras (74,2% e 61%), gênero e diversidade (51,3% e 48,1%), vários tipos de família (49,8% e 48,9%), reprodução (45,1% e 40,3%), puberdade (44,6% e 32,4%) e prazer e satisfação sexual (33,6% e 27,2%), respectivamente. Esses dados corroboram com estudos de Alvarez e Pinto (2012), o qual os conteúdos relativos à saúde sexual e ao domínio dos relacionamentos se destacaram como os mais importantes, e os associados ao comportamento sexual como menos importante.

Em estudo de Leão e Ribeiro (2013) e em pesquisa anterior de Leão (2009), é possível encontrar resultados semelhantes, para IST's/Aids, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência, e isso, segundo as autoras ocorre devido à educação sexual que os discentes tiveram em situações anteriores à faculdade, onde o enfoque é biológico, com ênfase nas infecções sexualmente transmissíveis, contracepção e práticas sexuais seguras.

**Tabela 3**

Importância atribuída a tópicos de educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
Doenças sexualmente transmissíveis (DST's/Aids)	216	90,4	111	82,2
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	194	80,5	112	81,8
Contracepção e práticas sexuais seguras	178	74,2	83	61,0
Gênero e diversidade	122	51,3	65	48,1
Vários tipos de família	119	49,8	67	48,9
Reprodução	107	45,1	54	40,3
Puberdade	107	44,6	44	32,4
Prazer e satisfação sexual	80	33,6	37	27,2

Na Tabela 4 são apresentadas as informações sobre o ano em que estava na escola quando recebeu educação sexual pela última vez, seguido da qualidade da educação recebida na escola, o quão bem os tópicos foram abordados, e questões que gostariam de saber mais.

Em torno de 40% dos participantes respondeu que estava no ensino médio quando recebeu educação sexual pela última vez (41% da Psicologia e 48,1% da Pedagogia), e os tópicos abordados foram IST's/Aids, vocabulário correto para falar sobre órgãos genitais, puberdade, reprodução, contracepção e práticas sexuais seguras, levando a considerar que grande parte partilha um modelo médico preventivo ou higienista de educação sexual, desconsiderando o desenvolvimento



psíquico dos indivíduos que é produzido por meio das relações sociais (Moura et al., 2011).

Resultados como esses se encontram igualmente em diversos estudos realizados com professores brasileiros, como o de Jardim e Brêtas (2006) o qual estudaram professores de ensino fundamental e médio para identificar o conhecimento e a atuação em sexualidade, e tiveram como resultado que as discussões em sexualidade ainda estão muito restritas a prevenção de gravidez e métodos contraceptivos (38%) e DST's/Aids (30%), e 5% responderam achar importante falar sobre temas como autoestima, valores e responsabilidades relacionadas ao exercício da sexualidade e 3% falariam sobre família e casamento, o que corrobora com os achados nesse estudo no qual os temas prazer e satisfação sexual, tomada de decisão em um relacionamento, aspectos emocionais nos relacionamentos íntimos e vários tipos de família, foram respondidos como temas nunca abordados pelos participantes da pesquisa.

Foram encontrados também resultados semelhantes no estudo de Silva e Neto (2006), com produções de pós-graduação brasileiras sobre formação de professores/educadores para o trabalho com educação sexual nos vários níveis escolares, surgindo o tema DST's/Aids na maioria dos trabalhos.

Com relação aos tópicos abstinência, gênero e diversidade, abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas, prazer e satisfação sexual, tomada de decisão em um relacionamento, aspectos emocionais nos relacionamentos íntimos e vários tipos de família, é possível perceber que não há uma perspectiva positiva da sexualidade, já que com relação às dimensões prazer e satisfação sexual, é atribuída uma importância igualmente baixa por nunca terem sido abordados (Alvarez & Pinto, 2012).

**Tabela 4**

Educação sexual recebida na escola ou graduação

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
C1. Em que ano estava na última vez que recebeu ES	98 Ensino Médio	41,0	65 Ensino Médio	48,1
C2. DST's/Aids; Conhecer vocabulário correto; Puberdade; Reprodução; Contracepção e práticas sexuais seguras	Abordado		Abordado	
C2. Abstinência; Gênero e diversidade; Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas; Prazer e satisfação sexual; Tomada de decisão em um relacionamento; Aspectos emocionais nos relacionamentos íntimos; Vários tipos de família	Nunca foi abordado		Nunca foi abordado	
C2. Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	—		Pouco abordado	

Na Tabela 5 é discutido como a educação sexual é ensinada nas escolas e os métodos que os professores utilizam para ensinar educação sexual e o quanto isso ajuda e/ou mantém os alunos interessados, sendo solicitado que pensassem em seus professores ou em profissionais que acompanharam em estágios curriculares ou extracurriculares. Entre os alunos da Psicologia, 37,3% responderam que o professor estava muito confortável para discutir os tópicos, e entre os alunos da Pedagogia, 29,9% responderam que o professor estava confortável, resultado parecido encontrado no estudo de Lima e Pagan (s.d.), o qual 64,3% dos

professores quando falam sobre sexualidade, falam naturalmente. Mais de 30% respondeu que algumas vezes o professor encorajou os alunos a colocarem questões de sexualidade e que os alunos responderam bem a essas questões.

Quanto à abordagem pedagógica para ensinar educação sexual, alunos da Psicologia e Pedagogia, respectivamente, referiram que discussão em grupo e a leitura ajudariam, já dramatização, teatro, jogos, projetos e trabalhos individuais não. Resultados parecidos foram encontrados no estudo de Jardim & Brêtas (2006), no qual a maior parte dos professores acredita que palestras, discussões reais, jogos, teatros, entrevistas e textos ajudariam no ensino da sexualidade.

Os mesmos autores acreditam que deve ser uma metodologia participativa construtivista, que parte do conhecimento do aluno sem trazer respostas prontas, mas que através da problematização, provoque questionamentos, levantando as possibilidades de conhecimentos e opções para que cada um, escolha seu próprio caminho.

Para Souza et al. (2015), as modalidades didáticas dos docentes devem estar relacionadas com a importância de uma discussão da sexualidade em todas suas dimensões necessárias: psíquicas, socioculturais e políticas, seguindo os três eixos propostos pelo PCN (1997). E os professores podem buscar métodos inovadores e dinâmicos para que a educação sexual consiga realmente produzir resultados significativos.

**Tabela 5**

Opinião sobre como a educação sexual é ensinada nas escolas

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
D1. Quão confortável estava o professor com os tópicos discutidos	90 Muito confortável	37,3	41 Confortável	29,9
D2. Frequência que o professor encorajou alunos a falar sobre sexualidade	84 Algumas vezes	34,9	43 Uma ou duas vezes	31,9
D3. Quão bem o aluno respondeu às questões	67 Bem	74,2	32 Bem	23,9
D4. Métodos para ensinar ES				
Ajudaria	142 Discussão em grupo	61,5	60 Leitura	46,2
Não ajudaria	143 Dramatização, teatro, jogos	61,9	79 Projetos, trabalhos individuais	59,8

Na Tabela 6 é apresentado o nível de escolaridade que gostaria de ensinar educação sexual como também os assuntos abordados. Todos os participantes da Psicologia consideraram que os 29 tópicos apresentados devem se iniciar no Ensino Fundamental II, resultado parecido encontrado no estudo de Alvarez e Pinto (2012), no qual a maioria dos professores entrevistados respondeu que os tópicos deveriam ser introduzidos entre o 6º e o 8º anos, como também no estudo de Jardim e Brêtas (2006), que descreve que dos professores entrevistados, 23%, respondeu que a orientação sexual deve se iniciar entre os 9 e 11 anos, e 13% respondeu que deve começar a se falar em sexualidade entre os 11 e 13 anos, o que equivale à idade de alunos do Ensino Fundamental II.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), na fase dos 10 anos de idade com a transformação do corpo na puberdade, seria o momento para se iniciar a

educação sexual, sendo possível perceber que ainda existe a crença de que é na adolescência que se deve falar sobre a sexualidade, já que os adolescentes se lançam cada vez mais cedo nas experiências sexuais (Jardim & Brêtas, 2006; Santos & Bruns, 2000).

Não houve tópicos sobre educação sexual, que não devesse ser incluído na grade escolar, porém os tópicos abstinência e pornografia obtiveram mais de 10% de respostas a favor de sua não inclusão, resultado também encontrado nos estudos de Alvarez e Pinto (2012).

Para os alunos da Pedagogia os tópicos sonhos úmidos; gravidez adolescente; gênero e diversidade devem se iniciar no Ensino Fundamental I, que vai do 1º ao 4º ano. Os tópicos primeira relação sexual e sexo como parte da relação amorosa devem se iniciar no Ensino Médio, não deve ser incluído o tópico vários tipos de família, e os demais devem se iniciar no Ensino Fundamental II. Já os tópicos puberdade, contracepção, comportamento sexual, prazer e orgasmo e problemas sexuais obtiveram mais de 10% a favor de sua não inclusão, resultados que diferem significativamente dos alunos da Psicologia, talvez isso se deva ao fato da inexistência de uma disciplina curricular especificamente sobre sexualidade no curso de Pedagogia diferentemente do curso de Psicologia que há uma disciplina no 7º período.

Conforme estudo de Alvarez e Pinto (2012), existe uma valorização do caráter progressivo da introdução dos tópicos de educação sexual ao longo da escolaridade, no entanto há um paradoxo que resulta de se considerar que se devem iniciar alguns tópicos na Educação Infantil, ao mesmo tempo em que, a maioria deve-se iniciar no Ensino Fundamental II. Para os autores é possível que esse desencontro

resulte da dificuldade de levar à prática uma atitude por não se saber como fazê-lo, tornando a educação sexual abrangente mais tardia do que o desejável.

Hoje, discussões apontam para a existência de preconceitos em relação à sexualidade e gênero, devido a visões que atribuem significados a comportamentos de crianças que diferem do padrão socialmente aceito para o sexo masculino e o feminino.

Estudo de Freitas e Brêtas (2016), recomenda que seja colocada com urgência na grade de formação de educadores de creches, Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental a temática da educação em sexualidade, pois as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes dizem respeito ao desconhecimento de questões ligadas ao desenvolvimento da criança. Cabe ao educador tornar possível o dito impossível, ou seja, as reflexões a respeito da sexualidade na escola, e para isso, a escola precisa estar aberta à reflexão coletiva e a novos paradigmas, o que só é viável se for mantido o princípio do Estado e da própria escola como instituições laicas, que funcionem livres de dogmas ou crenças.



Na Tabela 7 é apresentada a educação sexual recebida em casa pela família ou responsáveis, como também a caracterização do relacionamento amoroso dos participantes da pesquisa. Alunos dos dois cursos referiram que seus pais ou responsáveis não se saíram bem ao discutir sobre educação sexual, mas que gostariam que tivessem falado acerca da sexualidade, como também de saber mais sobre sexualidade e educação sexual.

Já 46% dos alunos da Pedagogia responderam que seus pais ou responsáveis encorajam a fazer perguntas sobre a sexualidade, diferente do curso de Psicologia em que 34% responderam que seus pais ou responsáveis não encorajam. Esses achados são semelhantes aos dados de Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), os quais a família se exime de educar sexualmente os filhos por acreditar que são jovens para falar no assunto, pois essa prática possa vir a estimular e antecipar uma prática sexual, como também da dificuldade para abordar o tema, e tal atitude está relacionada ao fato de não terem vivenciado uma educação emancipatória, perpetuando a deseducação sexual.

Figueiró (2014) adota a educação emancipatória proposta por Goldberg (1988), que concebe a educação sexual como um caminho para preparar o educando para viver de forma positiva, saudável e feliz, formando um cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais ligadas à sexualidade, ou seja, formar um indivíduo comprometido com a transformação social, contrário à ideia da deseducação sexual que diz respeito aos valores negativos sobre a sexualidade passados na formação da família e da escola.

Outro estudo de percepção da sexualidade também ficou evidente que ainda é bem acentuado a falta de diálogo entre pais e filhos, o que contribui para um distanciamento cada vez maior, sendo possível perceber que há muitos mitos e



preconceitos sobre o assunto e que a maioria dos pais não está preparada para educar sexualmente seus filhos (Cajaiba, 2013).

Na nossa sociedade atual, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de crenças, mitos e tabus, que se deve, em grande parte, à cultura que reduz a sexualidade a sua função reprodutiva e genital, sem compreender a sexualidade como integrante do processo educacional e vivencial do indivíduo, histórica e culturalmente produzidos. Os pais temem o assunto e o evitam ou, acabam por reprimir essa manifestação sexual, por terem em mente que o falar sobre sexualidade possa vir a antecipar cada vez mais a prática sexual (Bernardi, 1985 apud Gonçalves et al., 2012; Trindade & Bruns, 1999).

Dessa forma, é necessário que os pais reconheçam que independentemente da idade, a sexualidade é uma característica experimentada por todo ser humano, que as dúvidas precisam ser esclarecidas e discutidas de forma clara e objetiva, para que os mesmos a vivenciem de forma plena e responsável (Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013).

**Tabela 7**

Educação sexual recebida em casa e relacionamento amoroso

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
F1. Como acredita que seus pais ou responsáveis se saíram ao discutir a ES com você	52 Razoavelmente	21,7	48 Pobrememente	35,0
F2. Com que frequência seus pais ou responsáveis lhe encorajaram a fazer perguntas acerca da sexualidade	82 Nunca	34,0	63 Muitas vezes	46,0
F3. Eu gostaria que meus pais ou responsáveis tivessem falado comigo acerca da sexualidade	106 Concordo muito	44,0	64 Concordo	46,7
F4. Eu gostaria de saber mais acerca da sexualidade e educação sexual	123 Concordo	21,7	133 Concordo muito	97,1
F5. Já teve namorado	222 Sim	92,9	135 Sim	98,5
F6. Período em um relacionamento sério	123 Mais de três anos	51,5	124 1 mês	90,5
F7. Conversa sobre sexualidade nos relacionamentos	210 Sim	89,0	120 Sim	87,6
F8. Já teve relações sexuais	215 Sim	90,0	118 Sim	86,8

A seguir os dados referentes ao Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores Face à Educação Sexual – QAAPES (Anexo II).

Na Tabela 8 são apresentadas questões que se referem à formação na área de Educação Sexual, em que é possível observar que poucos alunos de ambos os cursos tiveram alguma formação na área, dos 378 alunos que participaram da pesquisa, 241 era da Psicologia e 137 da Pedagogia, sendo que 163 e 89 respectivamente, responderam que não tiveram qualquer formação em educação sexual.

Dos que participaram de alguma atividade de educação sexual, 27 alunos da Psicologia e 26 da Pedagogia responderam que promoveram ou participaram de alguma atividade de educação sexual, o que representa uma pequena parcela de alunos, se assemelhando ao estudo de Zocca et al. (2015), no qual alunos que responderam terem participado de algum projeto de educação sexual, apenas 20% ocorreu no contexto escolar.

Com relação aos alunos da Psicologia, 75% avaliaram a experiência como positiva, dados parecidos foram encontrados no estudo de Reis e Vilar (2004), no qual 82,6% dos professores avaliados também referiram como positiva a experiência de participar em ações de educação sexual.

**Tabela 8**

## Formação na área de educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
Formação na área de ES em aula ou estágio	39	16,5	35	72,9
Formação na área de ES em cursos	21	8,9	12	25,0
Formação na área de ES em outras atividades	10	4,2	—	—
Promoveu ou participou de alguma ação de ES	27	30,0	26	86,7
Avaliaram como positiva	48	75,0	—	—
Avaliaram como negativa	—	—	15	55,6
Responderam não	163	69,1	89	65,0

Com relação à Tabela 9, que demonstra as atitudes frente à educação sexual em uma escala avaliativa com questões positivas e negativas, foi possível observar por parte dos alunos da Psicologia uma atitude positiva, conforme achados semelhantes no estudo de Reis e Vilar (2004) que mostram atitude positiva por parte dos professores. Já entre os alunos da Pedagogia não foi possível encontrar o mesmo resultado, pois em cinco questões grande parte dos alunos discordou das questões positivas e concordaram com as negativas, e talvez isso se deva ao fato de não terem no seu processo educativo uma formação voltada para mudanças de atitudes referentes ao conhecimento e à maneira de viver a sexualidade.

Para Vitiello (1997) a educação não pode se constituir somente de informação, pois compreende mudanças de atitude e de comportamento e afirma que o processo educativo deve propiciar um crescimento de dentro para fora e de

forma reflexiva. E esclarece que educação envolve diversos conceitos como o de Informação, caracterizado como atividade de ensino, de instrução, e não de educação, ao menos enquanto a informação for passada de forma isolada. Orientação, que implica num mecanismo mais elaborado, baseando na experiência e no conhecimento do orientador que ajuda o orientando a analisar diferentes opções, tornando-o apto a descobrir novos caminhos. Aconselhamento, que consiste em auxiliar o aconselhando a decidir-se por um ou por vários dos possíveis caminhos que ele próprio já conhece e enfim o de Educação, que seria mais do que a soma dessas partes isoladas, num sentido mais amplo significa formar, capacitar, ensinar, treinar, despertar e principalmente transmitir valor, gerando mudanças de atitudes.

**Tabela 9**

Dimensão Avaliativa: escala de atitudes com relação à educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
1. ES nas escolas é muito importante para crianças e jovens	176 Concordo totalmente	73,6	55 Discordo	41,0
2. A ES nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces	90 Discordo	37,8	45 Discordo totalmente	34,1
3. A sexualidade vai se aprendendo ao longo da vida e não na escola	83 Discordo totalmente	34,9	68 Discordo totalmente	51,1
4. Só os professores de biologia têm responsabilidade na ES	142 Discordo totalmente	59,4	55 Concordo	40,7
5. A ES deve ser uma das atividades obrigatórias em todas as escolas	107 Concordo totalmente	44,8	68 Concordo totalmente	50,4
6. As ações de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção das DST's/AIDS	145 Concordo totalmente	60,9	49 Concordo	37,1
7. As ações de ES na escola são um meio muito eficaz de prevenção ao aborto	92 Concordo totalmente	38,5	46 Discordo	34,3
8. É aos pais e não à escola que compete a ES das crianças e adolescentes	98 Discordo	41,9	51 Discordo	38,1
9. Com toda informação nas revistas e TV, a ES na escola é pouco necessária	126 Discordo totalmente	52,7	47 Concordo totalmente	34,6
10. Todos os professores têm responsabilidade na ES de seus alunos	76 Nem concordo nem discordo	31,9	83 Discordo totalmente	62,4

Na Tabela 10 é apresentado o conhecimento que os alunos têm com relação à educação sexual (escala cognitiva), com alunos de ambos os cursos discordando na maior parte das respostas como também demonstrando falta de conhecimento dos documentos oficiais sobre gênero e sexualidade, tais dados corroboram com o que foi encontrado no estudo de Gesser et al. (2015), no qual cinco dos 23 entrevistados conheciam os PCN e/ou outros documentos norteadores da atuação em relação a tais temas na escola, dados parecidos com o que foi encontrado no estudo de Nardi e Quartiero (2012), que relatam que escolas e professores receberam os documentos, porém, no que diz respeito à educação sexual, teve pouco impacto em suas aulas e que nem todos o leram.

**Tabela 10**

Dimensão Cognitiva: escala de conhecimentos em relação à educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
1. Legislação que autoriza atividades de ES nas escolas	156 Verdadeiro	69,3	81 Falso	59,6
2. Ações de ES têm que ser autorizadas pelos pais	157 Falso	67,1	73 Verdadeiro	54,1
3. Só nos currículos de ciências da natureza existem questões ligadas a ES	124 Verdadeiro	52,8	86 Falso	63,7
4. Cabe principalmente aos profissionais da saúde realizarem ações de ES nas escolas	132 Verdadeiro	56,2	98 Falso	73,7
5. Os conselhos executivos devem autorizar as ações de ES	142 Falso	64,5	104 Verdadeiro	78,2
6. Existem materiais dos Ministérios da Educação e da Saúde que ajudam na ES	191 Verdadeiro	82,3	107 Verdadeiro	79,9
7. Existem várias disciplinas que possibilitam a abordagem de temas de ES	189 Verdadeiro	79,7	114 Verdadeiro	83,8
8. Os pais têm uma atitude negativa face à participação dos filhos em ações de ES	205 Verdadeiro	86,9	91 Falso	67,4
9. As ações de ES estão incluídas nas orientações do ensino pré-escolar	182 Falso	79,1	87 Falso	65,9
10. Por lei as ações de ES podem começar no Ensino Infantil	162 Falso	73,0	68 Verdadeiro	51,1
11. Por lei as ações de ES podem começar no	122 Verdadeiro	55,0	91 Falso	68,9



Ensino Fundamental I

12. Podem começar no Ensino Fundamental II	132 Falso	59,2	108 Falso	81,8
13. Podem começar no Ensino Médio	173 Falso	59,2	70 Verdadeiro	51,9
14. É obrigatório integrar ações de ES no projeto educativo das escolas	126 Verdadeiro	56,0	83 Falso	61,9
15. A lei obriga as instituições de Ensino Superior a ter um local de distribuição de preservativos	151 Falso	66,8	84 Falso	62,7

---

Na Tabela 11 é representada a dimensão emocional que consta de uma escala com 29 itens que medem o conforto/desconforto dos participantes para falar sobre temas de educação sexual em um contexto de escola.

Alunos da Psicologia relataram sentir-se “muito confortável” para falar sobre qualquer tema, já os da Pedagogia sentem-se “muito confortável” ou “confortável” para falar sobre temas mais voltados à saúde sexual e corpo e ser “indiferente” falar sobre relações de gênero. Dados semelhantes foram encontrados no estudo de Reis e Vilar (2004), que destacaram níveis mais altos de conforto nos itens amor, pílula, concepção e gravidez, e níveis mais baixos nos itens sexo anal, sexo oral e legislação.

**Tabela 11**

Dimensão Emocional: conforto/desconforto para falar sobre temas de ES

PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
Corpo masculino; corpo feminino; Aborto; Abuso sexual; Amor; Funcionamento sexual masculino; Funcionamento sexual feminino; Contracepção; Homossexualidade; Ejaculação; Preservativos; Ciclo menstrual; DST's/Aids; Sexo oral; Sexo anal; Erotismo; Concepção e gravidez; Relações sexuais; Comportamentos sexuais de risco; Sonhos molhados; Masturbação; Primeira vez; Decisões responsáveis; Gravidez na adolescência; Pílula anticoncepcional; Contracepção de emergência; Legislação existente; Consultas para jovens; Abstinência	Muito confortável	Abuso sexual; Contracepção; Ejaculação; Ciclo menstrual; Erotismo; Relações sexuais; Decisões responsáveis; Gravidez na adolescência; Pílula anticoncepcional; Contracepção de emergência; Legislação existente; Consultas para jovens	Muito confortável
		Corpo masculino; corpo feminino; Aborto; Amor; Funcionamento sexual masculino; Funcionamento sexual feminino; Preservativos; Concepção e gravidez; Primeira vez;	Confortável
		Homossexualidade; DST's/Aids; Sexo oral; Sexo anal; Comportamentos sexuais de risco; Sonhos molhados; Abstinência	Indiferente

Na Tabela 12 é representado o envolvimento futuro dos alunos em ações de educação sexual, sendo possível observar que não há alto interesse por parte dos mesmos, com 105 alunos da Psicologia e 67 da Pedagogia respondendo que pretendem se envolver em atividades de educação sexual no contexto da disciplina que estiver lecionando, contra 58 alunos da Psicologia e nove alunos da Pedagogia que não pretendem se envolver em ações de educação sexual, contrariando o estudo de Anastácio (2011), na qual o resultado foi positivo com cerca de 90 docentes, respondendo terem disponibilidade para se envolver nessas ações.

Esse resultado reflete o quanto é falho o processo educativo na formação do aluno que não o desperta para uma reflexão de ações prioritárias quanto ao reconhecimento e ao cuidado, além de não proporcionar discussões sobre valores, descobertas, dúvidas, tão comuns nos dias de hoje, como proposto nos tópicos do PCN.

**Tabela 12**

Envolvimento futuro em ações de educação sexual

	PSICOLOGIA		PEDAGOGIA	
	N	%	N	%
Pretende desenvolver atividades de ES no contexto da disciplina que estiver lecionando ou em contexto interdisciplinar	105	44,5	67	50,0
Pretende propor à escola ou aos colegas o desenvolvimento de ações de ES	56	23,7	52	38,8
Será pouco provável que se envolva em ações de ES	—	—	9	6,7
Não pretende se envolver em ações de ES	58	24,6	—	—

## CONCLUSÕES

Com base nos achados da pesquisa, é possível perceber que os alunos não tiveram na sua formação inicial uma educação sexual adequada nem pela família e nem pela escola. Também percebe-se uma diferença no interesse do tema entre os alunos dos cursos de Psicologia e Pedagogia, nos quais os da Psicologia apresentam uma maior preocupação e engajamento em assuntos sobre sexualidade, já os alunos da Pedagogia, parecem não perceber a relevância da temática, resultado este preocupante, uma vez que são pessoas que serão educadores e trabalharão diretamente na formação de crianças e adolescentes.

Parcela expressiva dos alunos mostrou um modelo de educação sexual baseada na abordagem médico higienista, o que comprova a crença de que a educação sexual deve estar focada no conhecimento dos órgãos sexuais masculinos e femininos, na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e na gravidez indesejada, deixando de lado a abordagem emancipatória que trabalha a formação social do indivíduo, com a promoção de debates, discussões e reflexões, para compreender o ser como cidadão pleno e comprometido com a transformação social.

Essa visão ampla da sexualidade e educação sexual, somente será possível quando houver uma reestruturação nos cursos de formação inicial, como também investimentos dos professores em formação continuada, para uma maior compreensão e apreensão dos temas, para que saibam como trabalhar em sua vida pessoal e também como educar seus futuros alunos.

Pelos resultados encontrados é necessário que se invista em uma formação voltada para educação sexual abrangente em todos os aspectos do ser humano, em

toda sua dimensão biológica, psicológica, sociocultural, histórica, ética, que considere as múltiplas formas de prazer e satisfação sexual, e contribua para uma formação de profissionais sensíveis, conscientes e aptos ao trabalho de educação sexual.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, M.J. & PINTO, A.M. (2012). Educação sexual: atitudes, conhecimentos, conforto e disponibilidade para ensinar de professores portugueses. *Aletheia* 38-39, Lisboa, 8-24.
- ANASTÁCIO, Z. & MARINHO, S. (2011). Concepções de professores e alunos sobre educação sexual e sexualidade. *Universidade do Minho, Instituto de Educação, Centro de Investigação em Estudos da Criança – Braga/Portugal*.
- AQUINO, C. & MARTELLI, A.C. (2012). Escola e educação sexual: uma relação necessária. *IX Anped Sul Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*.
- BERNARDI, M. (1995). *A Deseducação Sexual*. São Paulo: Summus.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual. *Secretaria da Educação Fundamental*. Brasília.
- CAJAIBA, R.L. (2013). Percepção sobre sexualidade pelos adolescentes antes e após a participação em oficinas pedagógicas. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 12, (2), 234-242.
- DUARTE, V. & CHRISTIANO, A.P. (s.d.). *A História da Sexualidade*.
- FOUCAULT, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. (2006). *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina, PR.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. (2010). *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: Eduel.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: Eduel.
- FREITAS, M., MELO, S.M.M., ZILLI, A.S. & MIRANDA, A.V.S. (2017). Curso de formação de professores (as) por meio do programa educação sexual em

- debate na rádio Udesc FM 100.1 Florianópolis: algumas reflexões sobre os caminhos percorridos. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 12, (2), 1130-1141.
- FREITAS, M.J.D. & BRÊTAS, J.R.S. (2016). Estigma e preconceito na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. *Gênero*, 17, (1), 105-122.
- GESSER, M., OLTRAMARI, L.C. & PANISSON, G. (2015). Docência e concepções de sexualidade na educação básica. *Psicologia e Sociedade*, 27, (3), 558-568.
- GONÇALVES, R. C., FALEIRO, J. H. & MALAFAIA, G. (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, 5, (29), 251-263.
- GONÇALVES, R.C., FALEIRO, J.H., SANTOS, M.N.G., COSTA, D.R.O. & RESENDE, I.L.M. (2012). Concepções dos pais acerca do diálogo sobre sexualidade na adolescência. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer*, 8, (15), 2053-2067.
- JARDIM, D.P. & BRÊTAS, J.R.S. (2006). Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59, (2): 157-62.
- LEÃO, A.M.C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. (Tese Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- LEÃO, A.M.C. & RIBEIRO, P.R.M. (2011). Investigando a abordagem da sexualidade na ótica dos docentes e discentes do curso de pedagogia. *Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores*, 1051-1059.
- LEÃO, A.M.C. & RIBEIRO, P.R.M. (2013). Curso de formação inicial em sexualidade: relato de uma proposta interventiva. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 8, (3), 609-638.

- LEITÃO, C. R. P. & ALVAREZ, M. J. (2013). Perspectivas dos estudantes do 3º ciclo e do ensino secundário acerca da educação sexual recebida (Mestrado Integrado em Psicologia). Portugal.
- LIMA, E.B. & PAGAN, A.A. (s.d.). Concepções de alunos do ensino médio sobre saúde e sexualidade. *IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*.
- MAIA, A.C.B., FARIAS, M.O.F., PACINI, B.A., JÚNIOR, L.C.F. & FREITAS, R.M.C. (2006). Orientação Sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Mimesis*, 27, (2), 107-123.
- MAIA, A.C.B. & RIBEIRO, P.R.M. (2011). Educação Sexual: Princípios para ação. *Doxa*, 15, (1), 75-84.
- MAIA, A.C.B., EIDT, N.M., TERRA, B.M. & MAIA, G.L. (2012). Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 17, (1), 151-156.
- MELO, S.M.M. & KORNATZKI, L. (2013). Interfaces entre educação sexual, alfabetização e literatura infantil. In S.M.M. Melo, & M.A.T. Bruns, Educação, sexualidade e saúde: diálogos necessários (11-26). Curitiba, PR: CRV.
- MOURA, A.F.M., PACHECO, A.P., DIETRICH, C.F. & ZANELLA, A.V. (2011). Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. *Psicol. Argum*, 29, (67), 437-446.
- NARDI, H.C. & QUARTIERO, E. (2012). Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. *Sexualid, Salud y Sociedad – Revista Latino Americana*, 11, 59-87.
- PASTANA, M. & MAIA, A.C.B. (2013). Sexualidade, gênero e mídia: projeto de educação sexual com estudantes de comunicação e psicologia. *Psicologia PT*.



- QUIRINO, G.S. & ROCHA, J.B.T. (2012). Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, 43, 205-224.
- REIS, M. H., & VILAR, D. (no prelo). Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores face à Educação Sexual. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*. Londres: Routledge.
- REIS, M. H. & VILAR, D. (2004). A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. *Análise Psicológica*, Lisboa, 737-745.
- RIBEIRO, P.R.M. (2004). Os momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In P.R.M. Ribeiro, et al, *Sexualidade e Educação: aproximações necessárias* (15-25). São Paulo: Arte e Ciência.
- RIBEIRO, P.R.M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In M.N.D. Figueiró, et al, *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns* (129-140). Londrina: UEL.
- SANTOS, C. & BRUNS, M. A. T. (2000). *A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Editora Ômega
- SANTOS, V.M.M. (2013). Trajetórias profissionais e formação docente: caminhos que se fazem na caminhada. In M.A.S. Reis; G.R. Pereira; A.O. Rabelo, et al, *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas* (163-178). Rio de Janeiro: FAPERJ.
- SAVIANI, D. (2013). A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 5, (2), 25-46.
- SILVA, L.M.M. & SANTOS, S.P. (2011). Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia.
- SILVA, M.M. (2015). Pedagogia histórico-crítica e sexualidade na educação escolar: considerações a partir da análise do tema “orientação sexual” nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 7, (1), 78-88.

- SILVA, R.C.P. & NETO, J.M. (2006). Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência e Educação*, 12, (2), 185-197.
- TESSARIOLI, G.M. (2013). Todos a favor da Educação Sexual. In H.C.F. Ribeiro, et al, *As minhas, as suas, as nossas sexualidades* (139-152). São Paulo: CEPCoS.
- VIEIRA, P.M. & MATSUKURA, T.S. (2017). Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*, 22, (69), 453-474.
- VITIELLO, N. (1997). *Quem educa o educador: manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu.
- ZERBINATI, J.P. & BRUNS, M.A.T. (2017). Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. *Revista Travessias*, 11, (01), 76-92.
- ZOCCA, A.R., MUZZETI, L.R., NOGUEIRA, N.S. & RIBEIRO, P.R.M. Percepções de adolescentes sobre sexualidade e educação sexual. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras*, 10, (2), 1463-1476.

## ANEXO I

### **QUESTIONÁRIO DE ATITUDES FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO**

Este questionário insere-se em um estudo sobre Educação Sexual em contexto universitário, no âmbito de Mestrado em Psicologia e Saúde.

O questionário é dividido em seis partes, classificado como A, B, C, D, E, F e possui em sua maioria questões de resposta fechada e duas de resposta aberta.

A sua colaboração é essencial para o sucesso deste estudo, portanto responda todas as questões.

Solicitamos que responda com sinceridade, assinalando a alternativa que melhor corresponda à sua opinião.

Os dados recolhidos são rigorosamente confidenciais e anônimos.

Obrigada pela colaboração.

**Parte A:** Estamos interessados em sua opinião geral acerca da Educação Sexual. Para cada uma das seguintes questões, selecione aquela que melhor descreve sua opinião.

**A1.** A educação sexual deve ser disponibilizada nas escolas.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

**A2.** A escola e os pais devem partilhar a responsabilidade pela educação sexual das crianças e dos adolescentes.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo

**A3.** Em que ano considera que se deve iniciar a educação sexual.

- Ensino Infantil
- Ensino Fundamental I
- Ensino Fundamental II
- Ensino Médio

**A4.** De um modo geral, como classificaria a qualidade da educação sexual que recebeu na escola.

- Excelente
- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Muito ruim
- Não recebeu qualquer educação

**A5.** A educação sexual que recebi na escola atendeu aos tópicos que mais me interessavam.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito
- Não recebi qualquer educação

**Parte B:** Há vários tópicos que podem ser abordados na Educação Sexual. Em sua opinião, quão importante cada um dos tópicos a seguir apresentados, devem ser abordados pela Educação Sexual na escola? Para cada tópico selecione com um X a resposta que melhor represente sua opinião.

	Nada Importante	Algo Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante
Conhecer vocabulário correto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais					
Puberdade					
Reprodução					
Contracepção e práticas sexuais seguras					
Abstinência (não ter relações sexuais)					
Doenças sexualmente transmissíveis (DST's/AIDS)					
Gênero e diversidade					
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas					
Prazer e satisfação sexual					
Tomada de decisão em um relacionamento					
Aspectos emocionais nos relacionamentos íntimos					
Vários tipos de família					

**Parte C:** Estamos interessados na Educação Sexual que recebeu na escola e que ainda recebe na graduação.

**C1.** Em que ano estava na última vez que recebeu educação sexual?

- Ensino Infantil
- Ensino Fundamental I (1º ao 4º ano)
- Ensino Fundamental II (5º ao 9º ano)

- Ensino Médio (1º ao 3º colegial)
- Não teve educação sexual na escola
- Graduação

**C2.** Pense sobre a educação para a Saúde Sexual que recebeu na escola ou que ainda recebe na graduação. Quão bem foram abordados cada um dos seguintes tópicos abaixo? Para cada tópico selecione com um X a resposta que melhor represente sua opinião.

	Nunca foi abordado	Pouco abordado	Abordado	Bem abordado	Muito bem abordado
Conhecer vocabulário correto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais					
Puberdade					
Reprodução					
Contracepção e práticas sexuais seguras					
Abstinência (não ter relações sexuais)					
Doenças sexualmente transmissíveis (DST's/AIDS)					
Gênero e diversidade					
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas					
Prazer e satisfação sexual					
Tomada de decisão em um relacionamento					
Aspectos emocionais nos relacionamentos íntimos					
Vários tipos de família					

**C3.** Agora, gostaríamos que você escrevesse duas questões sobre Educação Sexual à sua escolha e sobre as quais gostaria de vir a saber mais.

1. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Parte D:** Estamos interessados em sua opinião acerca da forma como a Educação Sexual é ensinada nas escolas. Para responder à estas questões, pense no (a) professor (a) que ensinou Educação Sexual mais recentemente, pode ser um (a) professor (a) que teve esse ano, ano passado ou há alguns anos, ou em profissionais que você acompanhou durante seus estágios curriculares ou extra curriculares.

**D1.** Quão confortável estava o (a) professor (a) com os tópicos discutidos?

- Muito confortável
- Bastante confortável
- Confortável
- Pouco confortável
- Nada confortável
- Não tive qualquer educação sexual

**D2.** Com que frequência o (a) professor (a) encorajou os alunos a colocarem questões sobre a sexualidade?

- Muitas vezes
- Com regularidade
- Algumas vezes
- Uma ou duas vezes
- Nunca
- Não tive qualquer educação sexual

**D3.** Quão bem o (a) aluno (a) respondeu à essas questões?

- Excelente
- Muito bem
- Bem
- Razoavelmente
- Pobremente
- Não tive qualquer educação sexual

**D4.** Abaixo, encontra-se uma lista de métodos que alguns professores utilizam para ensinar Educação Sexual. Para cada método, assinale com um X se foi utilizado e o quanto esse método ajuda e/ou mantém os alunos interessados segundo sua opinião.

		Não ajudaria muito	Ajudaria	Ajudaria muito
Exposição	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Vídeos	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Leitura	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Discussão em grupo	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Projetos/trabalhos individuais	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Dramatização, teatro, jogos	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			
Caixa de perguntas	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não			



**Parte E:** Abaixo, encontra-se uma lista de tópicos acerca da Educação Sexual que podem ser abordados em sala de aula. Para cada tópico, assinale com um X, o nível de escolaridade que você gostaria de ensinar sobre Educação Sexual.

**Eu gostaria de ensinar acerca disto em:**

	Ensino Infantil	Ensino Fund. I	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Este tópico não deve ser incluído
Conhecer vocabulário correto para falar sobre os órgãos genitais					
Conhecer vocabulário correto para falar sobre práticas sexuais					
Imagem corporal					
Puberdade					
Sonhos úmidos					
Reprodução e nascimento					
Contracepção e práticas sexuais seguras					
Abstinência (não ter relações sexuais)					
Doenças sexualmente transmissíveis (DST's/AIDS)					
Gravidez adolescente/Paternidade					
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas					
Construção de relações românticas igualitárias					
Homossexualidade					
Atração, amor, intimidade					
Comunicação sobre questões sexuais					
Sentir-se confortável com o sexo oposto					
A primeira relação sexual					

Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo					
Masturbação					
Comportamento sexual (beijos profundos, relações sexuais)					
Sexo como parte de uma relação amorosa					
Prazer sexual e orgasmo					
Problemas e preocupações sexuais					
Pornografia					
Prostituição adolescente					
Tomada de decisão sexual em um relacionamento					
Ligação entre sexualidade e um projeto de vida que integra valores					
Gênero e diversidade					
Vários tipos de família					

**Parte F:** Esta parte é acerca da Educação Sexual que recebeu em casa pela família e se já teve algum relacionamento amoroso. Lembre-se que suas respostas são anônimas e confidenciais.

**F1.** Na escala seguinte, selecione a opção que melhor corresponda à forma como acredita que seus pais ou responsáveis se saíram ao discutir a educação sexual com você.

- Excelente
- Muito bem
- Bem
- Razoavelmente
- Pobremente
- Não tive qualquer educação sexual

**F2.** Com que frequência seus pais ou responsáveis lhe encorajaram a fazer perguntas acerca da sexualidade.

- Muitas vezes
- Com regularidade
- Algumas vezes
- Uma ou duas vezes
- Nunca
- Não tive qualquer educação sexual

**F3.** Eu gostaria que meus pais ou responsáveis tivessem falado comigo acerca da sexualidade.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

**F4.** Eu gostaria de saber mais acerca da sexualidade e da saúde sexual.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

**F5.** Você já teve namorado (a)?

- Sim
- Não

**F6.** Qual foi o maior período de tempo que esteve em um relacionamento sério?

- Um mês
- Seis meses
- Entre um e dois anos
- Mais de três anos
- Nunca esteve em um relacionamento sério

**F7.** Em seus relacionamentos você conversa sobre qualquer assunto acerca da sexualidade?

- Sim
- Não

**F8.** Já teve relações sexuais pelo menos uma vez?

- Sim
- Não

Muito obrigada pela sua participação!

## ANEXO II

### QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE ATITUDES DOS PROFESSORES FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL – QAAPES

Este questionário insere-se em um estudo sobre Educação Sexual em contexto universitário, no âmbito de Mestrado em Psicologia e Saúde.

A sua colaboração é essencial para o sucesso deste estudo.

Solicitamos que responda com sinceridade às questões colocadas, assinalando a alternativa que melhor corresponda à sua opinião. Os dados recolhidos serão rigorosamente confidenciais e anônimos.

**1- Já teve algum tipo de formação na área de Educação Sexual?**

Sim



Se respondeu Sim, que tipo de ação teve?

Curso

Aula na escola ou estágio

Congressos

Outra Qual? \_\_\_\_\_

Não



Se, respondeu Não, passe à questão 7.

**2- Em suas atividades de estágio, alguma vez promoveu ou participou de alguma ação de Educação Sexual?**

Sim

Não

**3- Em que consistiu essa ação ou programa?**

Uma aula para alunos

Um conjunto de aula para alunos

Uma ação extracurricular para alunos

Ação ou ações no contexto da área de projetos

**4- Como você avalia essa experiência realizada?**

Acha que foi globalmente positiva

Houveram coisas negativas, mas acha que foi bom

Acha que essa experiência foi mais positiva que negativa

Acha que essa experiência foi muito negativa

**5- Qual foi seu papel nessa ação ou programa?**

- Foi um dos seus proponentes
- Participou na sua organização
- Foi um interveniente ativo
- Foi um mero assistente

**6- Se teve algum envolvimento ativo, como avalia o seu desempenho na ação ou programa realizado?**

- Sentiu-se preparado e confortável para abordar os temas
- Sentiu que necessitava de mais formação, mas gostou
- Apesar de sentir-se preparado, sentiu alguns desconfortos
- Sentiu-se desconfortável e não preparado para esses temas

**7- Assinale a sua opinião em relação a cada uma das seguintes frases:**

1. Discordo muito
2. Discordo
3. Nem concordo nem discordo
4. Concordo
5. Concordo totalmente

	Discordo	Concordo
	Totalmente	Totalmente
1.A educação sexual nas escolas é muito importante para as crianças e jovens.	1.....2.....3.....4.....5	
2.A educação sexual nas escolas motiva comportamentos sexuais precoces.	1.....2.....3.....4.....5	
3.A sexualidade vai se aprendendo ao longo da vida e não na escola.	1.....2.....3.....4.....5	
4.Só os professores de Biologia têm responsabilidade na educação sexual.	1.....2.....3.....4.....5	
5.A educação sexual deve ser uma das atividades obrigatórias em todas as escolas.	1.....2.....3.....4.....5	
6.As ações de educação sexual na escola são um meio muito eficaz de prevenção das DST's/AIDS.	1.....2.....3.....4.....5	
7.As ações de educação sexual na escola são um meio muito eficaz de prevenção ao aborto.	1.....2.....3.....4.....5	
8.É aos pais e não à escola que compete a educação sexual das crianças e adolescentes.	1.....2.....3.....4.....5	
9.Hoje em dia com toda a informação que se encontra nas revistas e na televisão, a educação sexual na escola é pouco necessária.	1.....2.....3.....4.....5	
10.Todos os professores têm responsabilidades na educação sexual de seus alunos.	1.....2.....3.....4.....5	

**8-** Para cada uma das seguintes frases, indique se as considera verdadeiras (V) ou falsas (F):

1. Existe legislação que autoriza as atividades de educação sexual nas escolas.  
( ) V                      ( ) F
2. As ações de educação sexual têm que ser autorizadas pelos pais.  
( ) V                      ( ) F
3. Só nos currículos das disciplinas de ciências da natureza existem questões ligadas à educação sexual.  
( ) V                      ( ) F
4. Cabe principalmente aos profissionais da saúde realizarem ações de educação sexual nas escolas.  
( ) V                      ( ) F
5. São os conselhos executivos que devem autorizar as ações de educação sexual.  
( ) V                      ( ) F
6. Existem materiais dos Ministérios da Educação e da Saúde que ajudam à realização de ações de educação sexual.  
( ) V                      ( ) F
7. Existem várias disciplinas que possibilitam a abordagem de temas ligados à educação sexual.  
( ) V                      ( ) F
8. Em geral, os pais têm uma atitude negativa face à participação dos filhos em ações de educação sexual.  
( ) V                      ( ) F
9. As ações de educação sexual estão incluídas nas orientações do ensino pré-escolar.  
( ) V                      ( ) F
10. Por lei, as ações de educação sexual podem começar a partir do Ensino Infantil.  
( ) V                      ( ) F
11. A lei só permite ações de educação sexual a partir do Ensino Fundamental I.  
( ) V                      ( ) F

12.A lei só permite ações de educação sexual a partir do Ensino Fundamental II.  
( )V ( )F

13.A lei só permite ações de educação sexual a partir do Ensino Médio.  
( )V ( )F

14.É obrigatório, por lei, integrar ações de educação sexual no projeto educativo das escolas.  
( )V ( )F

15.A lei obriga cada instituição de Ensino Superior a ter um local para distribuição de preservativos.  
( )V ( )F

9- Assinale com um círculo, para cada um dos seguintes temas o seu conforto/desconforto para abordá-los, no contexto de uma ação de educação sexual na escola.

	Muito Desconfortável	Muito Confortável
Corpo masculino.	1.....2.....3.....4.....5	
Corpo feminino.	1.....2.....3.....4.....5	
Aborto.	1.....2.....3.....4.....5	
Abuso sexual.	1.....2.....3.....4.....5	
Amor	1.....2.....3.....4.....5	
Funcionamento sexual masculino.	1.....2.....3.....4.....5	
Funcionamento sexual feminino.	1.....2.....3.....4.....5	
Contracepção.	1.....2.....3.....4.....5	
Homossexualidade.	1.....2.....3.....4.....5	
Ejaculação.	1.....2.....3.....4.....5	
Preservativos.	1.....2.....3.....4.....5	
Ciclo menstrual.	1.....2.....3.....4.....5	
DST's/AIDS.	1.....2.....3.....4.....5	
Sexo oral.	1.....2.....3.....4.....5	
Sexo anal.	1.....2.....3.....4.....5	
Erotismo.	1.....2.....3.....4.....5	
Concepção e gravidez.	1.....2.....3.....4.....5	



Relações sexuais.	1.....2.....3.....4.....5
Comportamentos sexuais de risco.	1.....2.....3.....4.....5
Sonhos molhados.	1.....2.....3.....4.....5
Masturbação.	1.....2.....3.....4.....5
A primeira vez.	1.....2.....3.....4.....5
Decisões responsáveis.	1.....2.....3.....4.....5
Gravidez na adolescência.	1.....2.....3.....4.....5
A pílula anticoncepcional.	1.....2.....3.....4.....5
Contracepção de emergência.	1.....2.....3.....4.....5
Legislação existente.	1.....2.....3.....4.....5
Consultas para jovens.	1.....2.....3.....4.....5
Abstinência.	1.....2.....3.....4.....5

**10-** Em que medida pensa que os seguintes setores das escolas estão disponíveis para aceitar o envolvimento nas ações de educação sexual.

	Nenhuma aceitação	Total aceitação
Conselho executivo.	1.....2.....3.....4.....5	
Corpo docente.	1.....2.....3.....4.....5	
Pais/Encarregados da educação.	1.....2.....3.....4.....5	
Pessoal não docente.	1.....2.....3.....4.....5	

**11-** Como você define seu envolvimento futuro em ações de educação sexual?

- ( ) Pretendo desenvolver atividades de educação sexual no contexto da disciplina que estiver lecionando ou em um contexto interdisciplinar.
- ( ) Será pouco provável que me envolva nesse tipo de ações.
- ( ) Não pretendo envolver-me nesse tipo de ações.
- ( ) Pretendo propor à escola ou aos colegas o desenvolvimento deste tipo de ações.

Muito obrigada pela sua participação!

## APÊNDICE A

### Questionário de Identificação Sociodemográfica

Sexo:

Masculino  Feminino

Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Idade: \_\_\_ anos

Curso:

Pedagogia  Psicologia

Período/Semestre:

1º período  5º período  8º período

2º período  6º período  9º período

3º período  7º período  10º período

4º período

Estado Civil:

Solteiro (a)  União estável  Viúvo (a)

Casado (a)  Separado (a)

Filhos: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Modelo em acordo com a Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde)

### Título do estudo: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL



Você está sendo convidado a participar do estudo científico, porque você tem o perfil necessário para o estudo que é ser estudante de graduação, e poderá fornecer seu conhecimento a respeito do tema Sexualidade e Educação Sexual, com o título "Perspectivas de Estudantes de Graduação acerca da Educação Sexual".

Esse estudo será realizado para fornecer dados e talvez aperfeiçoar a Educação Sexual de crianças e adolescentes em seus anos escolares.

#### DO QUE SE TRATA O ESTUDO?

O objetivo desse estudo é levantar a aquisição do conhecimento e a percepção que os alunos de graduação em Pedagogia e Psicologia têm acerca da sexualidade e educação sexual, para compreender o processo de construção do saber e do saber-fazer em educação sexual.

#### COMO SERÁ REALIZADO O ESTUDO?

Você será convidado em sua sala de aula diretamente pela pesquisadora.

O estudo será realizado da seguinte maneira: Você irá responder a dois questionários, o primeiro é o Questionário de Atitudes Face à Educação Sexual em Estudantes e o segundo é o



Questionário de Avaliação de Atitudes dos Professores face à Educação Sexual (QAAPES), visto que você poderá vir a trabalhar diretamente com Educação Sexual.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo.

Quando for necessário utilizar os seus dados nesta pesquisa, sua privacidade será preservada, já que seu nome será substituído por outro, preservando sua identidade.

Os dados coletados serão utilizados apenas NESTA pesquisa e os resultados divulgados em eventos ou revistas científicas apenas para fins de estudo.

### **ESSES PROCEDIMENTOS SÃO DESCONFORTÁVEIS OU GERAM RISCOS?**

Os procedimentos poderão trazer os seguintes riscos: incomodo com alguma questão seja devido à educação, religião, entre outras, ou sentir-se ofendido. É possível que você não receba o benefício ao participar deste estudo, porém sua participação irá contribuir para que se conheça o que você sabe sobre Sexualidade e Educação Sexual, contribuindo para adequação de uma proposta de ensino voltada para o sentido amplo da sexualidade.

### **O QUE ACONTECE COM QUEM NÃO PARTICIPA DO ESTUDO?**

Não lhe acontecerá nada se você não quiser participar desse estudo.

Também será aceita a sua recusa em participar dessa pesquisa, assim como a sua desistência a qualquer momento, sem que lhe haja qualquer prejuízo de continuidade de qualquer tratamento nessa instituição, penalidade ou qualquer tipo de dano à sua pessoa. Será mantido total sigilo sobre a sua identidade e em qualquer momento você poderá desistir de que seus dados sejam utilizados nesta pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar da pesquisa, durante todo o decorrer do estudo. Você também não receberá pagamento por participar desta pesquisa.

Você será acompanhado de forma integral, estando livre para perguntar e esclarecer suas dúvidas em qualquer etapa deste estudo.

Em caso de dúvidas ou problemas com a pesquisa você pode procurar o **pesquisador responsável** Daniela de Camargo Alvaro pelo e-mail [danielacalvaro@hotmail.com](mailto:danielacalvaro@hotmail.com) ou pelo telefone: (17) 99158-4878.

Para maiores esclarecimentos, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP (CEP/FAMERP) está disponível no telefone: (17) 3201-5813 ou pelo e-mail: [cepfamerp@famerp.br](mailto:cepfamerp@famerp.br).



Declaro que entendi este TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

---

Daniela de Camargo Alvaro  
Pesquisadora Responsável

---

Profa. Dra. Maria Jaqueline Coelho Pinto  
Orientadora

---

Participante da Pesquisa ou Responsável  
(Nome e Assinatura)